



**PASSADO PRESENTE: AS RUÍNAS DE
“TEMPO DE ESPALHAR PEDRAS”, DE ESTEVÃO AZEVEDO**

Manuella Mirna Enéas de Nazaré (UFPE)¹

Resumo: De fins do século XX até hoje, o mundo vem mudando drasticamente e a literatura contemporânea tem trabalhado essas transformações com obras em que saltam as complexidades dos indivíduos e as reverberações do passado no presente. Assim, este trabalho teoriza o passado presente na cultura contemporânea, e trata das ruínas de “Tempo de espalhar pedras”, obra publicada em 2014 por Estevão Azevedo, em uma perspectiva atenta a um ontem que ainda ressoa no hoje.

Palavras-chave: Passado; Presente; Ruínas; Literatura contemporânea.


Introdução

Contemporaneamente, de fins do século XX, na pós-modernidade, até hoje, ocorreram drásticas mudanças estruturais na cultura e no imaginário das pessoas; as identificações ideológicas e identitárias do passado foram questionadas e muitas ruíram. As instituições e as verdades do mundo moderno, feitas sobre as ruínas de seu passado, entraram em um tipo de colapso no final do século XX que mexeu com os estatutos e os questionaram, levando à maior fragmentação dos indivíduos. Política e economicamente, a intensificação do capitalismo, da globalização e das novas tecnologias, gerou enormes consequências, de maiores e de menores proporções, sobre os indivíduos e suas manifestações de cultura.

Esse momento histórico contemporâneo é palco e estrada de pessoas e serviços que se assistem e se comunicam entre si, dentro de uma sociedade global de fronteiras embaçadas. De repente, a quantidade de cultura e de informação intercambiantes se tornou tão vasta e tão constante que as possibilidades do que podemos ser superou o que somos. As identidades, as memórias, os imaginários, instâncias de apoio do ser humano – talvez, desde sempre frágeis – foram jogados para o incerto; nos tornamos fragmentos em nova e constante construção, ruínas do que fomos, do que somos, do que seremos.

Na literatura contemporânea, isso se reflete através de personagens perdidas, em busca de propósitos e de estabilidade; personagens perturbadas por imagens obsedantes do seu passado e da cultura que as formou, por verdades que estão sempre a questionar, paradoxalmente pelo medo de perder as bases em que costumaram se ancorar. Dessa

¹ Graduada em Letras com ênfase em Estudos Literários (UFPE), Mestre em Teoria da Literatura (UFPE) e Doutoranda em Literatura, Sociedade e Memória (UFPE), ambos com a orientação do Prof. Dr. Lourival Holanda. Contato: manuella.eneas@gmail.com.



forma, os espaços retratados e o tempo narrativo funcionam como reflexos de um indivíduo assombrado, fruto de ruínas e a produzir ruínas a sua volta.

Assim, ponto essencial na literatura contemporânea, como vemos em “Tempo de espalhar pedras”, são os efeitos de um passado presente na cultura dos homens, o que se modela em uma narração de ruínas. Independente do tempo e espaço, fica aparente o cancro, os fantasmas, as tragédias humanas, as complexidades das suas escolhas, as confusões das suas incertezas, as tensões do que são.


Tudo lembra ruínas personificadas no homem. Os indivíduos perambulam dentro de si, remoem seus passados e os que foram escritos para eles continuarem, criando fissuras memoriais que influenciam suas escolhas no presente; ao mesmo tempo, desconfiam do presente, das verdades dos outros e até das próprias, com medo de se perderem do alcance dos seus desejos. Dentro de escombros, criam até mais na tentativa de erigir sonhos longe de tudo que os prendem e que desconfiam, ansiosos pelo que creem encontrar se persistirem em suas buscas – um diamante escondido quem sabe –, mas pelo descontrole, parecem condenados a serem vencidos pelas suas más escolhas.

Breve apanhado teórico: passado presente na cultura contemporânea

Uma das palavras do momento cultural contemporâneo é fragmentação, outra é revisão, na linha de atualizar, adaptar e melhorar. Conectado com essas ressonâncias, Giorgio Agamben (2009) fala de uma postura ideal para o contemporâneo, o qual deve ser visto em suas obscuridades. Para isso, ele considera importante um olhar de distanciamento do agora, olhando para trás e para frente, a fim de entender o que é conservado até hoje e o que parece que se postergará, entendendo com consciência e verdade as intenções do contemporâneo.

Teixeira Coelho (2011) se alinha ao pensamento de Agamben (2009), e afirma que o contemporâneo precisa ser encarado em tempo relacional, voltando-se para o passado em postura de revisão e de entendimento com o presente, visto que o agora vivido se fez/faz/fará de ontem, hoje e amanhã.

Pensando em ruínas, Farinaccio (2013) mostra como a literatura contemporânea, através de seus recursos, demonstra uma atitude relacional, na medida em que se utiliza do passado para recolher fragmentos, descontextualiza-los e recontextualiza-los em um novo conjunto que deverá responder aos interesses do presente. O autor percebe nisso uma necessidade de salvar o passado do esquecimento voraz produzido incessantemente



pela modernidade, era de produção-consumo-descarte. Ele fala que essa necessidade pode advir do fato de a questão da perdurabilidade no tempo se encontrar muito em xeque atualmente.

Ao entender essa reverberação de passado no contemporâneo, Susana Scramim (2013) observa a presença da memória, que a modernidade individualista já havia passado a acionar, no sentido de resguardo. Olmi (2006) vê a memória na contemporaneidade como uma importante ferramenta no sentido de busca da identidade do ser humano, que, como explica Hall (2006), se encontra fragmentado e confuso entre tantas possibilidades e simplificações operadas na era de multiplicidades em que passa a viver, com a intensificação da globalização e do capitalismo financeiro.

Esse papel dado à memória parece ser um contrassenso em uma fase histórica tão acostumada a produzir novidades com extrema rapidez, o que gera também muito individualismo. E conforme Walter Benjamin (1987), a memória é musa da narrativa no sentido da coletividade, da tradição, o que não se coaduna, então, com o momento atual, questionador por excelência de antigos estatutos.


Porém, essa individualidade e gosto pelo novo, na verdade, comporta-se como busca por respostas e entendimentos que não se encontram, necessariamente, no presente, daí a necessidade de voltar ao passado atrás de bases, de histórias fundadoras, pois, como fala Farinaccio (2013), a impressão de que o passado ruiu e de que não se sabe o que se faz no lugar dele é geral. Dessa maneira, o passado não terminou de verdade, nem estruturalmente na sociedade, nem intimamente nos homens. Então, emerge a importância de lidar com essas ruínas deixadas no presente.

Siqueira (2014) afirma que pensar o contemporâneo é um tempo complexo e questionável justamente por ser tempo de permanências, atualizações e construções:

A nossa contemporaneidade é um presente saturado de passado e de futuro, o que equivale confirmar que se trata de um fenômeno histórico-cultural grávido de sentidos, que remetem tanto para os foros da modernidade quanto da pós-modernidade.

[...]

Nossa contemporaneidade, pois, é um tempo presente, recheado de ambivalências. A comprovação dessa ambivalência abissal de que estamos falando remete ao simbolismo dos prefixos “neo” – que reforça a continuidade no político-econômico – e “pós”, que acolhe a ruptura, os deslocamentos e as temporalidades no espaço cultural e social. (SIQUEIRA, 2014, p. 83).




Na atualidade, de um lado, a própria modernidade se tornou ruína material e abstrata, com suas promessas falidas e com sua produção para o consumo rápido fatalmente descartada, como percebe Andreas Huyssen (2014). O autor explica que isso dificulta imaginar o futuro e mais ainda lidar com a tradição, já que o eufórico hábito moderno pela novidade também se arruína, e rapidamente. Como consequência, ele fala que a ruína se atrela à nostalgia, uma vez que o passado está presente nos resíduos, mas não está mais acessível, está em promessas que não se concretizaram.

Por outro lado, Huyssen (2014) mostra que o presente em si já é também ruinoso, que sua velocidade produz ruínas, e que o desejo pelo autêntico, a ânsia por parte da cultura da mídia e da mercadoria, reflete o medo de falta de significado existencial, medo do inautêntico. Ruínas, nesse sentido, é a consciência do transitório, o medo de perder os sentidos que se acredita ter, é se atar à ilusão da posse do significado. Enfim, o autor chama a atenção para olhar a ruína estética e politicamente, como uma cifra de dúvidas, como o reflexo das obscuridades de qualquer processo.

Seguindo postura análoga, Néstor Garcia Canclini (1990) convida a olharmos para essas sombras, no cuidado de lidar com a resistência de pressupostos da modernidade sobre o presente. Ele explica que os projetos modernos se apropriam de bens históricos e tradicionais buscando identificar a nação a partir da cultura popular. Mas essas tentativas são permeadas de discursos políticos e interesses ideológicos próprios, além do fato perigoso de considerar essa suposta história e raiz como um dom simbólico ao qual não cabe questionamento.

Canclini (1990) explica que isso cria patrimonialização cultural, carregada da ideologia da minoria e de tradicionalismos teatralizados. Por isso, é bastante importante observar quais pressupostos resistiram até hoje, a fim de conseguir filtrar as verdades que não se encaixam com o presente, bem como as interferências que se coadunam com ele, respeitando, assim, as urgências da sociedade contemporânea.

Nesse contexto, Canclini (1990) propõe uma política cultural que tome conta do caráter processual dos patrimônios e de suas transformações no contemporânea, instaurando a percepção entre o que já se tornou *arcaico*, o que é ainda *residual* e o que mostra ser *emergente*, nomenclatura pensada por Raymond Williams, segundo o autor. Ele adverte que as políticas culturais menos eficazes são as que se aferram ao passado sem conseguirem articular a densidade histórica dos significados recentes.



Assim, cabe bem a postura de revisão ou de rechaço ao que há muito foi estabelecido e não questionado, bem como de descoberta, de problematização e de sugestão de novidades estético-ideológicas. Uma postura que Beatriz Sarlo (2005) chama de olhar político, afirmando a importância de sua aplicação à arte, como recusa aos paternalismos estéticos e aos conservadorismos nostálgicos com pretensões de verdade válidas para a atualidade.


Portanto, importa ter em mente uma ideia consciente e crítica de passado presente, sem o hífen, porque “o presente é uma era de preservação, restauração e novas versões, todas as quais anulam a ideia de ruína autêntica, que se tornou, ela mesma, histórica” (HUYSSSEN, 2014, p. 113).

Percebendo a seriedade dessa postura, e lembrando que a memória é uma ferramenta de ligação com o passado, como exposto mais acima, chamamos a atenção para o que Aleida Assmann (2011) chama de funcionalidades da memória, como a legitimação e a deslegitimação, o que implica cuidado tanto com a política da monumentalização do poder dominante, cultivador do passado, quanto com a política da subversão fundamentalista do poder opositivo, sedento por futuro.

A prudência com essas funcionalidades se justifica pelo caráter da memória. Assmann (2011) afirma que ela segue rastros do passado, soterrados ou esquecidos, e reconstrói provas significativas para a atualidade. Isso se liga a projetos identitários, interpretações do presente e pretensões de verdade. O que quer dizer que o olhar para o passado é um recorte, a partir do ponto em que se está no presente e por um horizonte que se espera de futuro. Por isso, a postura crítica é tão importante, atentos aos perigos e intenções no que se preserve e se esqueça. Ferreira (2003) chama a atenção para isso, adverte que a memória tem suas armadilhas, muitas vezes políticas, de colaborar para o reguardo, com o intuito da legitimação, ou para o esquecimento, intencional e motivado, de determinados dados da memória cultural coletiva.

Assim, deve-se atentar ao passado presente, pois o contemporâneo é o reino do plural, do diferente, do transitório e da deslegitimação, mas também deve ser o do diálogo, da atualização e do entendimento, visto que busca entender suas fissuras, lacunas e obscuridades.

Ruínas de “Tempo de espalhar pedras”




São “tempos em que tudo, até o de dentro da gente, definhava” (AZEVEDO, 2014, p. 129), “Tempo de espalhar pedras” faz-se assim, em um desmoronar.

O contemporâneo dessa obra mostra que se constitui da ruína nos homens. Através deles, espaço e tempo se retratam, sendo subjulgados pelos estados do homem. “O tempo se alimenta do que o homem lhe oferece para, feito uma cobra, ora esticar-se, ora enrolar-se.” (AZEVEDO, 2014, p. 131). Quanto ao espaço, “na pele do chão de muitas casas os homens abriam feridas em busca de salvação” (AZEVEDO, 2014, p. 189).

“Tempo de espalhar pedras” se passa em um vilarejo em processo de retrocesso, de arruinamento. O local se mostra infértil ao aparecimento das pedras preciosas que a cidade ficou famosa por garimpar. Esse fato já demonstra que as atitudes irrefletidas e descontroladas do homem levaram a essa consequência, de ter gerado um solo vazio, um espaço abandonado pela sorte e vidas miseráveis. Assim, esse desgaste irrompe em atitudes de exasperação e insanidade nas personagens. Gomes, por exemplo, exilado, pobre, faminto e, sobretudo, atormentado por seus desejos e pensamentos íntimos:

Os monstros fabricados pelo sono da razão assombravam-no durante seu falso bem-estar, e Gomes percebeu que era inútil, que aquela fome mais o enlouquecia, e no desespero crispou as mãos, arranhou o solo, levou à boca os nacos de terra que foi capaz de arrancar e mastigou-os enquanto o organismo dava-lhe indicações descontraídas, alívio, pelo impacto daquela massa no bucho, e náusea, pelo gosto terrível, mas era preciso alimentar-se ali mesmo, soterrar as visões que ocupavam a barriga vazia, era noite, não tinha como erguer-se e buscar alimento melhor, tão de Deus era a Terra quanto qualquer iguaria da Páscoa, tão de Deus era a larva, o pedregulho, o graveto, a folha seca, a formiga, a areia, a palha, a bile, a pele morta, o humo. (AZEVEDO, 2014, p. 178)

Gomes é um reflexo dessa terra seca, porque, na verdade, ela é dele. Esse homem fala em Deus, como tantas personagens na obra falam, mas Deus é retórica, parece um fio de esperança de sanidade e uma justificativa para as atitudes descontroladamente persistentes. Na prática das personagens, falta-lhe o senso, o equilíbrio e a sabedoria que a figura divina encarna. Rodrigo estupra a índia por um louco instinto de desejo reprimido; Gomes deseja a própria filha e se culpa tanto que perde o prumo da própria vida; Antônio é um sanguinário sadoquista; Bezerra quer tanto enriquecer que se envolve em mentiras para conseguir, a tal ponto que começa a acreditar que até seu mais fiel amigo e parceiro está lhe traindo, imagem que o obseda e conduz-lhe ao termo da



própria vida; Silvério passa noites e noites em transe cavando atrás de um diamante que acredita que Deus guardou para ele no chão da sua casa. (AZEVEDO, 2014). Todas, e outras mais pela obra, são ações fruto do desespero insano de encontrar o conteúdo e o entendimento que lhes faltam.

Assim, as ruínas retratadas na obra são também de cunho moral, pois esta não existe, de forma que a narrativa caminha em um ritmo apocalíptico. E:


A cada telhado que desabava, a cada parede que cedia, a cada muro que encolhia, maior o júbilo, pois era como se o fluxo dos dias tivesse se invertido e o vilarejo pouco a pouco se desconstruísse indo nessa direção, avançaram para o início de tudo, quando a maça ainda não fora mordida. (AZEVEDO, 2014, p. 259).

Para um mundo primitivo, onde o homem era desprovido da reflexão do logos, era movido pelo instinto; a maça era o pecado, o pecado a sabedoria, e esta ainda – já que o fluxo inverte-se – não havia sido conquistada. Assim, o local vai mostrando ares de destruição até o desmoronar derradeiro, a ruína completa daqueles homens. Depois de destruírem todo o espaço em que viviam, depois de inverter o fluxo do tempo, eles matam uns aos outros, em uma briga de brutalidade desmedida por um suposto diamante achado por Silvério. (AZEVEDO, 2014). Nessa realidade primeva, o bem e o mal não existem, e a banalidade do mal impera através do arruinar coletivo da moral e das estruturas que fazem a vida humana, tanto abstratas quanto materiais.

As personagens, cada uma nos seus interesses, encarnaram uma busca insana, certa desconfiança do mundo, e falta de controle sobre si e, daí, sobre o espaço-tempo que as cercavam. Encarnam uma ruína que começou de dentro:

Mais comum é a doença nascer no interior do corpo; as pústulas, apenas as emissárias da má nova, não tão nova assim, visto que há muito carcome quem a hospeda: em suas entranhas um embate se trava, muitas vezes por desacordo entre estruturas mínimas, invisíveis, incorpóreas, talvez até inexistentes, cujo nascimento se deve não raro a outras feridas, às emocionais, às morais, às abertas pela culpa, pelo remorso, pela angústia, pelo medo, pela perda, pela inveja, pela cobiça, pela falta de estima por si mesmo, pelo arrependimento, pela saudade, pela solidão, pelo desejo. (AZEVEDO, 2014, p. 267).

Com a doença humana produzindo seus efeitos, a história vai se quebrando. O passado parece não existir, o vilarejo dá a impressão de um presente constante, porém as consequências de cada atitude se mostram e vão construindo a ruína dos homens. O



passado está em cada momento remoto ou recente que se travestiu em forma de obsessões, de medos da perda, de buscas, de desejos, formando um presente fruto de ruínas e em ruínas, por culpa do homem, de forma que até o presente se destrói.

Na narrativa, por fim, sobram ruínas do tempo, do espaço, dos sobreviventes destacados. Um Adão e uma Eva em uma possibilidade de real em que não morderam a maçã, só seguiram, a partir daquele nada que eram enquanto indivíduos:

Nos dias e semanas seguintes, enquanto se afastavam, a vila, roída pelos dentes do garimpo, aproximou-se mais e mais de seu fim e os dois, crendo-se livres das emanções das ranhuras das rochas ou, o inverso, das aspirações humanas que enfraqueciam os lajedos, nunca deixaram de ceder à desmedida do vício um no outro e às lascívias e sevícias que esse vício lhes impunha em meio aos longos períodos de tédio, desprezo e ódio, e maltrataram-se com furor e fornicaram com empenho e nunca se livraram por completo do germe da ruína, porquanto ele estivesse presente em cada pessoa, pedra e palavra. (AZEVEDO, 2014, p. 284).

O germe da ruína foi o que restou. Livres das complexidades de ser humano; livres das aspirações que enfraqueceram, até a destruição final, a vida material e íntima das pessoas dessa comunidade, Ximena e Rodrigo seguiram. Primitivos em tudo, arruinados pelas escolhas, quer dizer, assombrados por elas em tudo que sobrou, inclusive do que restou deles, só o germe da ruína.

Dessa maneira, com seus desdobramentos, essa obra da literatura contemporânea traz importantes reflexões para a teoria e para a crítica literárias contemporâneas, pois problematiza estatutos e verdades que permearam a literatura regionalista, por exemplo, e instaura novas dinâmicas e tensões. Do seu lugar literário, favorece, assim, a postura crítica do contemporâneo, de revisão e (re)construção do presente, enriquecendo as discussões levantadas pela literatura.

Referências

AGAMBEN, Giorgio. *O que é contemporâneo? E outros ensaios*. Tradução Vinícius Nicastro Honesko. Santa Catarina: Argos, 2009.

ASSMANN, Aleida. *Espaços de recordação: formas e transformações da memória cultural*. Tradução Paulo Soethe. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.



AZEVEDO, Estevão. *Tempo de espalhar pedras*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CANCLINI, Néstor García. El porvenir del pasado. In: _____. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar y salir de la modernidad*. México: Editorial Grijalbo, 1990.

COELHO, Teixeira. *Moderno pós moderno: modos e versões*. São Paulo: Iluminuras, 2011.


FARINACCIO, Pascoal. Reciclando as ruínas de ontem: o procedimento de citação em dois romances de Lourenço Mutarelli. In: CHIARELLI, Stefania et al (orgs.). *O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

FERREIRA, Jerusa Pires. *Armadilhas da Memória e outros ensaios*. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

HALL, Stuart. *A Identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guaraeira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HUYSSSEN, Andreas. *Culturas do passado-presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória*. Tradução Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

OLMI, Alba. *Memória e memórias: dimensões e perspectivas da literatura memorialista*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.



SARLO, Beatriz. Arte, história e política. In: _____. *Paisagens imaginárias: intelectuais, arte e meios de comunicação*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

SCRAMIM, Susana. A cidade ilhada – narrativa e sociedade latino-americanas em ruínas. In: CHIARELLI, Stefania et al (orgs.). *O futuro pelo retrovisor: inquietudes da literatura brasileira contemporânea*. Rio de Janeiro: Rocco, 2013.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. *Labirintos da modernidade: memória, narrativa e sociabilidades*. Recife: Editora UFPE, 2014.

WILLIAMS, Raymond. Teoria Cultural. In: _____. *Marxismo e Literatura*. Tradução Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.